

Memórias biográficas inventadas

Produções textuais do curso de Cinema da UFSC

Marcio Markendorf (organizador)

Bruna Ramos Pavesi (revisora)

Número 6



Portrait of a man hiding his face behind a question mark, Wavebreak Media Ltd./Corbis

Sumário

Personalidades-personagens

Marc io Markendorf

Em 1870 William Beckford publicou *Memórias Biográficas de Pintores Extraordinários*, um livro irônico em relação às biografias de artistas publicadas em seu tempo e no qual critica a relação causal entre personalidade do autor e expressão artística. A publicação foi interessante para desconstruir a simplificação do senso comum em relação à imagem do artista como um sofredor exemplar. Beckford, para tanto, inventou uma série de biografias para pintores inexistentes, destruindo qualquer relação imediatista, de modo que artistas soturnos apenas pintavam quadros alegres e vice-versa. Adriana Lunardi, em 2004, publicou o livro *Vésperas*, ficcionalizando os últimos momentos de vida de grandes escritoras como Ana Cristina Cesar, Sylvia Plath, Virginia Woolf e Júlia da Costa. Combinando essas duas estratégias – uma biografia possível desvinculada da personalidade e a invenção de uma trajetória biográfica – os alunos de Expressão Escrita II (turma 2011-2) foram desafiados a criar memórias inventadas para personalidades reais, presentes cotidianamente na mídia. O resultado é o que você encontra nessa coletânea. E não se esqueça: não há qualquer coincidência entre os acontecimentos relatados e os fatos da vida real.

Personalidades-personagens.....	4
Marc io Markendorf	
Fátima Bernardes	5
Maria Paloma Gomide Merello	
Creep	6
Carlos Lenine Pereira	
Why So Serious?	7
Anna Casarin	
Andy Irons.....	9
Thiago Teles da Cruz	
Charlie Sheen	10
Felipe Silva Reche	
Paris Hilton.....	11
Luiz Kizima	
Bilhetinho	12
Bruna Ramos Pavesi	
Steven.....	14
Arthur Thiesen	
Dimebag Darrell	15
Gabriel Tavares Vianna Stella	
Conquista	16
Taisi Rocha	
Estive lá.....	17
Gustavo Bô	
Cadê a Família?	18
Marcus Vinicius Caetano	
Depois da Morte das Baratas	19
Lucas Thys	
Marcia Lucas	20
Cinthia Fernandes	

Fátima Bernardes

Maria Paloma Gomide Merello

Fátima Bernardes, como toda boa profissional, sai do estúdio de gravação, onde deixa seu marido, e segue para sua casa. O caminho para casa é tranquilo. Hoje, o porteiro do condomínio foi esperto, ela nem precisou buzinar. Ótimo. Porém, na rua do condomínio, a coisa já começa a esquentar. Aqueles vizinhos folgados deixam suas crianças mal cuidadas pela rua. Se algum dia forem atropeladas, dou razão ao motorista. Quando, do carro, já era possível ver a sua casa, Fátima vê que as luzes de cima do sobrado estão acesas, assim como as de baixo. Seu sangue já começa a esquentar. É claro que aquelas luzes estão ligadas à toa. Como gostam de gastar energia!

Estacionou o carro na garagem e desceu furiosa. A planta ao lado da porta estava torta. Que inferno! Nem pra isso as empregadas servem! Com o rosto vermelho, dá um chute no vaso da planta para que ele se alinhe, e entra em casa.

Ah, é claro! Dentro da casa não poderia ser pior. As crianças ainda não estavam dormindo, e nada a irritava mais do que chegar em casa e ainda ter que dar atenção às crianças. E a babá? Por que ainda não pôs essas crianças na cama?

Quando a babá cruza a porta da cozinha para a sala e dá de cara com a sua patroa, faz uma expressão de assustada. Já sabia o tamanho da bronca que iria levar. Dito e feito. Fátima vomitou ali todas as palavras que podia. Descarregou-se. Era quase como uma terapia. Disse que ia entrar na cozinha para tomar um calmante e quando saísse não queria mais ninguém na sala.

Entrou. Tomou o calmante. Bebeu água. Escutou a campainha. Saiu da cozinha. Viu apenas seu marido na sala, que acabara de entrar. Abriu um sorriso. “Não existe esposa mais perfeita”, pensou ele.

Creep

Carlos Lenine Pereira

Cumprimentou-o com um pequeno aceno de cabeça e um meio sorriso sem dentes, forçado. Passou direto. Thom não pôde se conformar. Isabella já o teria esquecido? Quanta insensibilidade! Quanta injustiça! Quanta falta de caráter! Depois de todas aquelas juras de amor... Fora tudo mentira? Ou teria tudo passado assim, do nada, do dia para a noite? Para Thom, ao menos, não; cada uma de suas palavras apaixonadas tinha nascido da mais pura sinceridade. E depois falam que querem sinceridade nos homens...

Isabella chegou alegre no seu grupinho de amigas da mesma turma. Gargalhava, falava alto. Cada esbravejada sorridente sua fazia o peito de Thom confranger-se mais; ainda assim ele não conseguia desgrudar os olhos.

Então apareceu Fred. Todas as meninas da rodinha o receberam com exclamações. Isabelle deu um jeito de se pôr ao lado do bonitão. Passaram a flertar um com o outro descaradamente, produzindo olhares acidamente invejosos nas outras garotas.

Aí foi demais para Thom. A garganta começa a apertar inesperadamente, involuntariamente. Ela era, de verdade, especial para ele. Mas e ele para ela? Isabella lhe dissera várias vezes que sim, mas, pelo jeito, mentia. Ou exagerava insensivelmente. Sentiu-se humilhado, desprezado como um verme.

O sinal tocou. O grupinho de felizes começou a andar bem devagar em direção à sala de aula. Thom se pôs também a caminhar, mas foi parando aos poucos por causa da sensação terrível que a visão de Isabella e Fred, à sua frente, lhe causava. A garganta apertou mais, o peso no peito curvou-lhe os ombros e, de repente, um pânico de desatar em choro ali, no meio de todo mundo, o acometeu com força extraordinária. Que humilhante seria chorar como um garotinho por causa dela para todos verem!

Quando seus olhos começaram a doer e a umedecer, Thom irrompeu em direção ao banheiro masculino, chutou a porta da cabine, trancou-a atrás de si, sentou sobre a privada, já às lágrimas, arrancou da mochila um pedaço de papel amassado e um lápis velho.

But I'm a creep. I'm a weirdo.

*Baseado em como a letra da música “Creep”, do Radiohead, foi escrita por Thom Yorke.

Why So Serious?

Anna Casarin

Kate havia acabado de se mudar para Nova York. Suas aulas na New York Film Academy começariam apenas dentro de um mês, então ela teria tempo suficiente para se adaptar à cidade. Ainda não acreditava que conseguira aquela bolsa.

Seu novo apartamento era no Soho, um bairro de artistas, que respirava criatividade. Era um bairro caro de se morar, porém o proprietário pareceu querer se livrar logo do imóvel, pois o oferecera a Kate por muito menos do que ele realmente valia. “Não sei por que”, pensou, entrando no apartamento. Ele era todo mobiliado e decorado, parecia que o dono anterior havia deixado tudo, menos as roupas.

Kate demorou uns dois dias para organizar suas coisas. Ela se sentia quase uma intrusa colocando seus pertences num lugar que parecia tão habitado. Um armário entre a sala e a cozinha era o que mais lhe chamava a atenção. Algumas garrafas de bebida haviam sido deixadas. Whiskys, vodcas e até uma garrafa de absinto. Ela pressupôs que o dono anterior tivesse sido um homem, não sabia exatamente o porquê, mas estava quase certa disso.

Tirou as bebidas de lá e as colocou numa estante na cozinha. Precisava daquele armário para o resto de suas roupas. Ao colocá-las ali, percebeu um furo do lado de dentro do armário. Curiosa, colocou o dedo e, com um leve movimento para a direita, puxou algo que parecia uma tampa na vertical. O pedaço de madeira móvel deu lugar a um “fundo falso”, do qual caiu um livro empoeirado.

Kate, imediatamente, parou de arrumar suas roupas para analisá-lo. Não parecia muito velho, suas folhas eram amareladas, porém suspeitava que sempre haviam sido assim. Sua curiosidade não permitiu ignorá-lo; levantou-se, serviu um gole de café, uma das poucas coisas que possuía na cozinha, sentou-se à mesa e começou a lê-lo.

“21 de janeiro de 2007

Recebi uma importante ligação hoje de manhã. Uma que me fez abrir uma exceção e levantar antes do meu horário previsto. Era o Christopher Nolan. Ele irá dirigir o novo Batman. Nada de interessante até aí. Porém, ele me ofereceu o papel do Coringa. Não aceitei imediatamente, mas poderosos de Hollywood conseguem ser bem convincentes. Não me interessam a fama e o dinheiro que isso possa trazer, mas agora não posso mais pensar só em mim. Tenho uma família para sustentar. Aceitei.”

Kate quase caiu da cadeira. Não havia dado sequer um gole no café, tão em transe se encontrava. O livro não apenas era um diário, como o diário misterioso do seu ator preferido!

Ela lembrava ter ouvido boatos sobre esse diário, mas nunca realmente acreditou que existisse. E agora ali estava ela com ele nas mãos.

“Meu Deus, essa era a casa dele!”, pensou exasperada. Por isso conseguira por um preço tão baixo, afinal, ele morrera ali. Num ímpeto de euforia, começou a vasculhar a casa em busca de mais algum sinal, alguma lembrança que ele pudesse ter deixado para trás. E encontrou. No guarda roupa, numa repartição mínima entre uma divisão e outra, algo que ela levaria meses para encontrar se não estivesse procurando. Havia uma camisa. Assim como em Brokeback Mountain, ela ainda estava salpicada de sangue. “Não acredito que ele guardou isso”, pensou abismada. Era como se ele amasse o companheiro de cena de verdade. “Não, não pode”, Kate espantou o pensamento tão rápido quanto o havia formado, “Estou lendo tabloides demais”.

Decidiu voltar ao diário.

“O mundo é podre. A podridão passeia pelas ruas tão livremente como se ali sempre houvesse pertencido. E talvez seja verdade. Talvez o mundo sempre fora podre, se corroendo aos poucos, de dentro para fora. Só existe o caos. E quer saber de uma coisa sobre o caos? É justo”.

Pulou algumas páginas para ver se o diário mudava um pouco de tom. Só piorava.

“Ser um agente do caos, essa é minha missão. Ressaltar essa caoticidade humana. Perceber que já estamos todos mortos. Que o ódio, a ganância e a apatia regem o mundo. E nós sabemos disso. E não fazemos nada para impedir”.

Kate não sabia o que sentir. A princípio, negava o que estava escrito, mas, no fundo, sabia que era verdade. Só agora percebera que o diário em si, relatos do dia-a-dia do ator que tanto estimava, estavam em azul. E os pensamentos pessimistas, quase apocalípticos, estavam em vermelho, garranchos que ela quase não conseguia ler. Como se uma pessoa completamente diferente tivesse escrito.

“Ele realmente deixou possuir-se pelo personagem”, concluiu Kate. E era exatamente por esse fato que havia se tornado um ator tão conceituado, adorado e premiado. Entregava-se tão intensamente ao personagem que acabava se transformando nele. “Deve ser duro ver o mundo pelo ponto de vista do Coringa”, pensou Kate. “Uma criatura tão sombria, que não conheceu nada além do horror. É de ficar louco, com certeza. Provavelmente foi isso que o matou”.

Kate olhou por mais alguns minutos para o diário, mas decidiu parar de lê-lo. Havia acabado de se mudar para uma cidade nova. A última coisa da qual precisava eram pensamentos negativos rondando sua mente. Foi dormir e colocou o diário na ponta do criado-mudo. Sorte que ela tinha sono pesado e não acordou, nem ao menos se mexeu, quando o diário caiu, revelando a última página:

“21 de janeiro de 2008

Já não consigo mais me separar dele. É como um espírito maligno que se apossou de mim. As gravações terminaram. Acabou. Mas não para mim. Criei um monstro, que sou eu mesmo. E só eu posso dar um fim nele. O que não te mata, simplesmente te torna mais estranho.”

Andy Irons

Thiago Teles da Cruz

Logo de manhã, como qualquer astuto esportista da prática do surf, acorda, pega sua prancha, se alonga, faz alguns exercícios para adentrar ao mar. Assim, de manhã bem cedo, antes das sete horas, começa o dia de Andy Irons. Um surfista que tem seus pensamentos apenas no mar. Competidor renomado, nascido no Havaí. Esse é seu modo de vida. Cresceu e ganhou a vida fazendo aquilo que aprendeu desde pequeno. Alguns campeonatos ganhos, outros perdidos, mas logo se consolidaria entre os melhores do mundo. Festas, hotéis e praias. Viagens pelo mundo em busca da onda perfeita. Esse era o seu destino.

Agora, participando de um renomado campeonato mundial chamado URT, está perto de conseguir seu primeiro título mundial. Contra o seu maior rival, Kelly Slater. A disputa é ponto a ponto. Uma onda quebra e entra a séria, é assim, seus espectadores com o coração palpitante. Ele, Andy Irons, vence. E foi assim por mais duas vezes. Sempre estava com a prancha na mão, em busca da onda perfeita. Antes de entrar no mar, reverenciava para que viessem ondas perfeitas. Agradecia a cada tubo que surfava. Ali era o melhor lugar para estar. Onde nasceu o surf é considerado sagrado. Antigamente, algumas pranchas de madeira só poderiam ser utilizadas por chefes de aldeia. Recebeu esses ensinamentos, que depositou na sua vida marinha.

Encontra-se em um quarto de hotel por ter uma infecção, não se sabe a causa. Doente agora, o que é totalmente estranho para uma pessoa com muita saúde. Pensava que naquele momento poderia estar dentro de um tubo que a natureza o proporcionava. Suas ondas, os campeonatos ganhos. Enfim, uma vida que não se queixava. Sua primeira prancha, seu pai lhe deu. Seus primeiros passos vinham à tona em seus pensamentos. Ainda fez um último desejo, o qual não poderia realizar, de pegar um último tubo em Teahupoo, pois era quintal de sua casa. Chegou a hora de ir. O mundo perde um grande surfista.

Charlie Sheen

Felipe Silva Reche

Até que ponto tais orgias valeram a pena? Será que vale a pena viver uma vida intensamente, com todas essas festas, drogas e mulheres, embora ela acabe sendo curta? Talvez se eu tivesse um grande amor, se desse mais chances para os meus sentimentos aflorarem com as poucas mulheres que realmente me importaram, em vez de apenas viver em função de curtição e com estilo de vida do meu personagem na TV, eu teria uma vida completamente diferente. Não estaria deitado nessa cama agora, terminando com minha vida aqui. Seria tudo muito diferente, a minha trajetória seria diferente. Mas aí fica a pergunta, eu fui realmente feliz? Acho que sim. Vivi o gozo da juventude da melhor forma possível. Eu não conheço o outro lado, a vida regrada, para saber como seria. A vida que eu conheço é essa que vivi e, embora eu sinta que esses dias estão terminando, a boemia da minha vida me fez um cara realizado enquanto eu ainda transmitia saúde. É isso, quem sabe no lugar para onde eu estou indo eu possa dar uma continuação para tudo que fiz e conquistei aqui.

Paris Hilton

Luiz Kizima

O mundo todo acompanhou a vida da herdeira mais mimada dos Estados Unidos, Paris Hilton. Desde sua participação nos reality shows até sua fracassada carreira como cantora e atriz, Paris sempre causou um misto de ódio e simpatia nas pessoas. Depois de ter uma fita em que fazia sexo com o ex-namorado revelada na internet, sua vida se tornou um inferno. Passou a beber e a usar drogas frequentemente, tornando-se um retrato da degradação pessoal.

Com os escândalos, seu avô, dono da cadeia de hotéis Hilton, deserdou Paris e deixou-a na miséria. Passou a prostituir-se para conseguir dinheiro para sobreviver. Vendeu seu chihuahua para poder bancar a sua viagem para o México.

No México, já com 35 anos, Paris trabalhava como caixa de supermercado. Não tinha o amor de nenhum homem, pois todos sabiam como a vida poderia ser difícil ao lado dela.

Uma noite, depois de fumar um baseado e adormecer com ele aceso, seu trailer pegou fogo. No meio do incêndio, Paris pensou em como sua vida poderia ter sido diferente, se tivesse tomado as decisões certas. Lembrou-se do carinho de seus pais e de seu namorado do colegial, o único que realmente havia amado. Derramou uma lágrima enquanto queimava, e então proferiu suas últimas palavras: That's hot.

Bilhetinho

Bruna Ramos Pavesi

Estavam em Roma. Uma cidade tão bela. Ainda não haviam saído do quarto do hotel. Essa mania que Kurt tinha de passar dias na cama. Ele era belo. Lindo. Lindo com os seus pijamas, enrolado em meio às cobertas. Mas precisava sair do hotel. Courtney levaria Frances para passear na cidade.

O show era amanhã e Kurt estava com um humor terrível. A melancolia transbordava pelo seu corpo. O show seria tão dolorido quanto o seu estômago. Essa merda de suco biliar com sangue que insistia em sair. Os remédios não adiantavam mais. Nunca adiantaram. Absolutamente nada adiantava para ele.

Courtney e a filha voltaram. Frances precisava sair um pouco. Precisava brincar com outras crianças. Courtney precisava fingir para a filha que eram um pouco normais. Kurt havia trazido sua “bolsinha de heroína”. Havia uma agulha jogada na pia do banheiro. E uma criança sob o mesmo teto. Não estava dando certo. Não acreditava na irresponsabilidade do marido. Juntou tudo. Tudo no lixo. E o combinado que iriam parar? Por que só ela precisava cumprir a promessa?

Colocou Frances para dormir. Tão tranquila. Tão diferente dos pais. Ela não merecia aquilo. A única razão pela qual Courtney cumpria a promessa era a pequena Bean.

Entrou no quarto do casal. Kurt, deitado na cama, nem notou a sua presença. Olhava para o nada. Courtney o observava. Como ele poderia ser tão idiota e tão amável? Como ela conseguiu o cara mais lindo do rock? Com o nariz mais perfeito?

Deitou-se na cama, ao lado do marido. Apesar de tudo, ela o amava, muito. Ele olhou diretamente em seus olhos. Aqueles grandes olhos azuis. Sentiu-se mergulhando em uma imensidão de água congelada.

Kurt sabia que Courtney sofria com aquilo tudo. Que Frances sofreria. Ele era um empecilho. Courtney poderia arranjar alguém bem melhor – um pai melhor para Bean. Amava sua filha mais do que tudo. Mas não estava sendo um pai. Nos últimos dias, mal conseguia olhar para a menina. Tinha vergonha. Sua consciência era demasiada pesada. Ela tinha apenas dois anos. Não poderia saber o que estava se passando. Mas logo saberia. E Kurt não iria aguentar. Ele era um perdedor. Um idiota que não cumpre o que promete. Ele não mudaria a sua vida por causa de Frances, por mais que tentasse. Uma hora ou outra ele acabaria na merda novamente. Por isso tinha orgulho e inveja de Courtney. Ela era extremamente forte. Foi a força da esposa que chamou sua atenção quando se conheceram. E agora essa força esfregava na sua cara quão fodido ele era.

Dormiram. Acordaram. Dormiram. Ao meio dia, Courtney levantou para ver Frances. Estava bem com a babá. Voltou para seu quarto. Kurt estava sentado na cama com a televisão ligada. MTV. Passava o clipe de Smells Like Teen Spirit. Que merda. Que grande merda tudo isso! Que show de merda o dessa noite. Um apresentador italiano começou a falar. Deu para entender que falavam sobre o Nirvana. Provavelmente da merda do show. Courtney olhou para Kurt. Sentou-se no tapete. O grande tapete florido, lindo. Kurt foi até ela. Transaram no tapete. Kurt tirou algumas fotos da mulher. Dormiram na cama.

Já era noite quando Courtney acordou. Kurt não estava ao seu lado. A TV ainda ligada. O show! A merda do show. Não era hora ainda. Cadê Kurt? Levantou-se. Olhou para o chão e lá estava o marido, caído, duro. Gelado. Com a seringa enfiada em seu braço. Que merda! Porra! Courtney correu, correu para encontrar seu “kit de primeiro socorros”. Pegou a seringa. Pegou a adrenalina. Enfiou em Kurt. Os pálidos olhos azuis se abriram. Que porra, Kurt! Ela chorava. Já havia acontecido algumas vezes, mas nunca se acostumaria com aquilo. Ele continuava a querer mais e mais e mais. Kurt apenas olhava a

mulher, desapontado. Seu merda! Ela deu um tapa em sua cara. Ele merecia, sim. Já está quase na hora do show, o pessoal tá me esperando. Sabe como é o Krist. Kurt se levantou como se nada tivesse acontecido. Parou na porta antes de sair, olhou Courtney chorando no chão. Desculpa. Passou no quarto de Frances, deu um beijo na filha.

Courtney permaneceu jogada no grande tapete florido por um tempo. Pegou a seringa ensanguentada para jogar fora. Ele sempre tinha alguma de reserva escondida! Ao passar pela cama, viu na mesinha de cabeceira um papel. A letra era de Kurt. Um bilhetinho. Uma carta de suicídio.

Steven

Arthur Thiesen

O sol entrava no seu quarto e iluminava os cartazes nas paredes. Steven deitado na cama, um tubo de soro e morfina no seu braço aliviava a dor de seu câncer terminal. Pensava que não merecia aquilo, já estava velho, claro, mas tivera uma vida, até certo ponto, saudável, nunca usou drogas, era bem comportado e metódico. Tinha alguns amigos, George o visitava todos os dias, Francis também, outros quase nunca vinham.

Nunca deixou de ser criança. As ideias que teve para seus filmes, a maneira como adorava assistir à TV, o medo d'água, tudo isso o acompanhou pela sua vida toda. Foi muito criticado por causa disso, os adultos tentam esquecer-se de suas infâncias e deixam de sonhar. Steven chegou à conclusão de que, em algum momento da passagem da vida infantil para a juventude, acontecia alguma decepção. Alguns adultos (muitos, na verdade) adoraram seus filmes, chamavam-no de “mago”. Outros, menosprezavam-no.

Tivera várias esposas, entregou-se a todos os relacionamentos de forma intensa, pois não era seguro consigo mesmo. Resultado: divorciou-se de todas elas. Não conseguia manter longos relacionamentos com mulheres.

Era muito rico, mais do que qualquer vizinho seu em Beverly Hills. Ao contrário do que poderia parecer, era muito feliz, não deixou que os vícios e problemas tomassem conta de seu humor.

Agora, enquanto esperava o momento de sua morte, não se arrependia de nada. Era bem-sucedido e fez tudo o que mais desejou e imaginou. Seu último pensamento foi de que todos, sem exceção, deveriam ter a chance de realizar seus sonhos através da vida, ou melhor, de filmes.

Dimebag Darrell

Gabriel Tavares Vianna Stella

O suor escorria da testa pelas sobrancelhas. Constantemente, passava as costas da mão no rosto para que o excesso não fosse para os olhos. O calor da noite era potencializado com todo aquele frenesi de corpos descontrolados na multidão. Darrell gostava daquela cena, desde moleque apreciava o que fazia e era nesses momentos que encontrava plenitude. Um ídolo, um exemplo, estranha sensação de amor.

Damageplan, destruição. Ó ironia. Dimebag Darrell colocou pesadamente a bota sobre o amplificador. Aquele frio na espinha de adrenalina no sangue não falhava nunca! Com a guitarra Flying “V” encaixada na coxa e os longos cabelos jogados no rosto, iniciou seu solo eletrizante. A multidão, composta de unidades, se tornou uma massa única que urrava em êxtase. Um sorriso realizado preencheu seu rosto.

Antes que pudesse terminar o solo, um forte impacto o afastou da borda do palco. Levantou o rosto. Era o chefe da segurança que estava entre ele e um fã que subia no palco. Sorriu maliciosamente, para o deleite dos metaleiros, e buscou as cordas da guitarra com agressividade. Um fã, sim, mas frustrado. Gritava indignações sobre a dissolução da banda Pantera, de Dimebag. Novamente, de cabeça baixa, foi surpreendido. Um som de estouro superou o fervilhar da bateria e alcançou o peito do segurança, que foi ao chão. Mais uma série de disparos. Darrell sentiu o corpo formigar e perder força. A multidão parecia não perceber o ocorrido. Olhou para os colegas de banda e sentiu o amor se apagar junto com a visão. Morto por aquilo que mais amou. Morto pela vida.

Conquista

Taisi Rocha

Quando aquela criatura loira chegou ao grupo para a pré-produção do episódio e sorriu, o mundo pareceu ficar mais iluminado para David Tennant. Ele não se considerava um romântico incorrigível, mas acreditava que as pessoas eram capazes de cometer loucuras ao encontrar alguém que desperta, profundamente, paixões. Aparentemente, a senhorita Moffet era aquela capaz de desligar sua chave de controle racional.

No fundo, esperava que ela fosse uma daquelas garotinhas estúpidas, cujo exterior é belo, mas apenas uma casca vazia ou um invólucro para futilidades. Se assim o fosse, seu coração estaria a salvo e o interesse se desvaneceria tão logo conversasse com ela. Esperanças vão!

A mulher tinha uma mente ágil, afiada, e um senso de humor capaz de suportar o estilo ácido dele. Cérebro e aparência, com certeza, foi a combinação letal para que se propusesse a deixar de lado a vida de solteiro. Tão logo comprovara que Moffet era tudo o que parecia, Tennant decidira que ficariam juntos.

Sempre fora teimoso, um homem de atitude, não se chega à Companhia Real Shakespeariana se não o for. Não se constrói carreira na TV e cinema sendo leniente, e isso fora o que alcançara: seus sonhos.

Era hora de um novo objetivo e a estabilidade em sua vida emocional pessoal era um tão bom quanto qualquer outro em que poderia pensar. Aquela loirinha simpática seria perfeita para o papel de esposa e mãe no palco da vida dele. Ela não iria escapar!

Quase monopolizou a atenção dela durante a pré-produção e nos intervalos das gravações. Conversaram sobre o pai dela, que também já fora ator na mesma série, sobre a vida nos palcos, nas telas e fora deles, sobre literatura e o dia-a-dia. Quanto mais conversavam, mais impossível era para ele reprimir a atração.

O papel dela na série era de filha dele e isso causava uma sensação bastante estranha, já que a química entre os dois transbordava cada vez mais.

Tão logo as filmagens daquele episódio terminaram, ele a convidou para sair em um encontro romântico. Quando ela aceitou, foi um dos momentos mais satisfatórios da vida dele.

O sucesso do primeiro encontro profetizou o mesmo para o relacionamento que se seguiu. E Tennant conquistou a mulher que desejava com o mesmo empenho e força de vontade com que venceu todo o resto em sua história.

Estive lá...

Gustavo Bô

...Deitado numa cama. Tédio profundo. Eu sabia que o mundo inteiro tinha expectativa de que eu sobreviveria. Os invejosos, não. Via as luzes no teto deixando rastros como estrelas cadentes. A cama corria. Médicos escolhidos a dedo corriam preocupados.

Pensei na morte. Será? Isso não pode acontecer comigo. Não sentia dor alguma, mas a visão escurecia. Preciso me manter de olhos abertos. Meus filhos... Minha mulher... Estrelas cadentes num céu que escurecia. Quero vê-los, sair daqui. Estou bem.

Por que vocês correm? Me deixem sair, ver minha família. Diga a eles que me arrependo de ganhar o mundo e não aproveitar a família. Diga isso aos meus filhos. Não, não diga! Eu mesmo direi quando sair daqui. Direi que a vida é mais do que uma maçã mordida. Hoje, uma maçã mordida é uma maçã envenenada. Experimentei isso, sou dono, sou responsável por isso tudo. Estive lá. Não quero que comam da mesma maçã...

Num último suspiro. Um iPhone escapa da minha mão, mas ele não se quebra.

Cadê a Família?

Marcus Vinicius Caetano

Meu mundo caiu. Minhas esperanças em um modelo de pessoa não existem mais. Como um homem de 63 anos, ícone da dramaturgia brasileira, se põe nesta situação pecaminosa? Não é possível, não deve ser verdade o que o Alisson me disse. Está bem, eu sei que ele é meu amigo. Companheiro, de verdade. Tenho que tirar isso a limpo. Cadê meu computador? Vou entrar no site da Globo, afinal, é a emissora dele, não se tratará apenas de boatos. Este site não destorcerá a realidade. Pronto, agora neste canto de busca por notícias vou digitar M-A-R-C-O N-A-N-I-N-I. Buscar. Que internet lenta. Meu ídolo. Não é possível. Vexame deste não é verdade, estes abutres da imprensa só querem ganhar dinheiro com essas notícias “impactantes”. Talvez o Alisson tenha visto essa notícia naquelas revistas sensacionalistas. Tudo o que mais queria agora era que isto não fosse verdade, e que tudo isso não passasse de um engano do meu amigo.

Meu Deus, está aqui confirmando, ele assumiu a sua condição de gay agora. Não é possível. Todos esses anos que passei como fã dele não valeram de nada. E “A Grande Família”, ele era um exemplo de como deve se comportar um pai de família. Como veremos um pai de família com este ator gay? Gay não tem família. Tenho que ir falar pessoalmente com ele. Nem que isso me custe meu emprego. Pior é que parece que não tenho o que dizer a ele. Todas as minhas esperanças e expectativas neste grande ator e grande exemplo de como se forma uma família acabaram, foram por água abaixo. Não existe ex-gay, e ele não vai mudar suas escolhas por causa de mim. Ele, como exemplo, deveria se conscientizar de suas responsabilidades. Ele deveria saber que não é simplesmente um mero ator, mas sim um representante máximo da família.

Por que teve de ser assim? Mas já foi casado duas vezes com mulheres. Por que uma pessoa, de uma hora para outra, se transforma assim desta maneira? O que é mais constrangedor nisso tudo é saber que, apesar de tanto se falar em família na mídia, não teremos mais um bom exemplo. O que é uma família? Acho que esta é a pergunta que meus filhos farão a mim. Responderei que não sei mais? Ou ainda falarei em “grande família”? Em Nanini? As relações sociais não serão mais as mesmas? Ouvir falar em dois pais ou duas mães será normal? Depois disso, os heterossexuais serão anormais. O caos está instalado e não posso fazer nada para reverter isso tudo.

Analisando a vida de Nanini, seria muito menos trágico a sua morte do que essa notícia em rede pública. Na época da Ditadura, essas coisas eram mais fáceis, a censura controlava esses excessos de bichas e de contraexemplos à estruturação da família. Esse Nanini não mede as consequências de seus atos. Não pensou no seu filho sendo motivo de chacota na escola. Este menino ficará marcado para sempre como um fruto do acaso, pois seu pai é gay, não era para ele nem ter nascido, ele foi uma simples aparição de um acaso espontâneo.

Depois da Morte das Baratas

Lucas Thys

Keith Richards caminha por entre os prédios apodrecidos, pisando nos cadáveres de mutantes gerados pelos altos níveis de radiação. O cemitério dos artrópodes lotava e Richards era o último ser humano na face da Terra. De fato, uma das últimas formas de vida que restava num Planeta Terra pós-apocalíptico. Nada mais restava, exceto por seu antigo violão. Nele, tocava um último blues, um último lamento. Não tinha com quem falar, não falava. Desapropriou-se da linguagem e a usava apenas para resmungar algum verso. Naquele pôr do Sol, via corporações e instituições aos pedaços. Pensou em todas as pessoas que deram a alma e a vida por aqueles ideais, que não mais tinham valor algum.

Ao cair a noite, o chão abriu, o céu explodiu e os cavalos de fogo foram soltos, ao som de trompetes celestiais, para anunciar o fim total do tempo-espaço. “Até que enfim”, pensou Keith Richards, “Só agora poderei descansar em paz”.

Marcia Lucas

Cinthia Fernandes

1975, Parkhouse, San Anselmo.

Querida mãe,

os tempos andam difíceis, George continua com a ideia boba de terminar com aquele roteiro de ficção científica, o tal de Guerra nas Estrelas. Digo para ele todo dia que não vai fazer sucesso, será apenas mais um filme para crianças. Ele diz que não se importa, quer criar um mundo de fantasia que as crianças não possuem mais hoje em dia. Mas penso que no fundo ele está preocupado de verdade, sei pelos chumaços de cabelo que encontro junto aos bolos de papéis jogados fora. A ansiedade ainda vai deixá-lo careca. Sem contar as dores de cabeças, dores de estômago, palpitações no peito. Essa história ainda vai matá-lo. Demorou um ano para que George escrevesse treze páginas, não sei quanto mais ele poderá aguentar. Esses dias, Coppola veio nos fazer uma visita e, enquanto eu preparava o café, pude entre ouvir ele dizendo a George que seguir adiante com esse filme seria uma loucura, que até a Fox pensava assim. Meu marido tem na cabeça essa ideia de que poderá lucrar não somente com o longa-metragem e as suas continuações, mas também com brinquedos da futura franquia. Às vezes parece que ele próprio está vivendo nesse mundo de fantasias que criou, não suporto vê-lo naquele quatinho dos fundos junto com aquela jukebox horripilante. Se ela não fosse tão pesada, certamente já teria sido jogada no lixo. E aquela enorme fotografia de Sergei Eisenstein pendurada atrás da mesa dele? Se eu própria não fosse sua esposa, duvidaria muito da masculinidade de George. Foto minha não se vê por ali. Ah, mamãe... Ando tão aflita com essa história interminável que não estou mais no meu perfeito juízo. Esses dias fiz uma coisa terrível, esperei George sair para uma das suas milhares de reuniões, fui até o quatinho e comecei a ler o seu roteiro. Não havia sexo nem violência, porém a história estava recheada de um tom moderno. Os nomes eram tão engraçados, um em especial me chamou a atenção, pois George parecia não conseguir escrever ele igual. Na primeira página era Chewbaka, depois era Chewieback, então vinha um tal de Chiebacca. Para na última página tornar-se Chewbacca. Existia também Han Solo, uma clara versão fictícia de Francis, sempre lutando contra o sistema dos grandes estúdios, mascarado no roteiro sob o nome de Império. E essa não era a única coisa bizarra naquele quarto, havia, no mínimo, quarenta lápis número 2 e pilhas de papel pautado azul e verde. As outras cores pareciam inutilizadas no lixo.

Já se passaram três semanas desde que escrevi a linha acima, George resolveu entrar num surto depressivo e precisei ficar ao seu lado. Ele estava convencido de que havia se tornado um fracassado, foi preciso chamar um amigo dele para convencê-lo do contrário. Pelo menos a conversa deu resultado, a terceira versão do roteiro ficou pronta dias depois do encontro. As filmagens começaram logo após também. Ah, minha querida mãe, se a senhora soubesse como fiquei aflita na época de testes para o elenco, sabia muito bem o tipo de meninas que se inscreveriam para o papel de Princesa Leia, garotas lindas de 18, 19 anos. E o George longe de mim em Los Angeles. Falei para ele ser um bom menino. Tenho plena confiança em meu marido, mas de vez em quando é difícil deixar de lado ciúmes bobos. Por fim, ele acabou escolhendo Carrie Fisher, disse para os produtores que queria jovens imaturos e não uma coelhinha da Playboy. Afinal, era um filme para crianças e não adolescentes. A pobre Carrie teve até que enfaixar os seios com fita adesiva, nada de peitos balançando no Império.

Mais uma vez fiquei alguns dias sem escrever, dessa vez foi o trabalho que me ocupou todo o tempo. George não aguentava mais as cafonices do seu editor e pediu para que eu assumisse a função, aceitei prontamente, apesar de nós duas sabermos que Guerra nas Estrelas não é exatamente o tipo de filme com o qual trabalho. Entretanto, dias depois, Scorsese me ligou desesperado para ajudar em seu novo filme, tive que ajudá-lo. George não gostou muito, mas também não fez questão de me impedir. Ele anda mais doente do que nunca, fiquei sabendo que seus amigos vão todo dia até seu quarto para arrastá-lo até o estúdio. Spielberg está sendo como um anjo que caiu do céu, na primeira exibição teste que George fez do filme, foi o único que o apoiou. Diz que vai ser um sucesso!

Mãe, você não imagina! George e eu resolvemos viajar, não queríamos estar na cidade nas primeiras semanas da estreia. Pensamos que a decepção seria muito grande. Mas não paramos de receber ligação de todos os lugares, o filme é um sucesso. Dizem que as filas dão a volta no quarteirão! E não são apenas crianças, gente de todas as idades está indo ver Guerra nas Estrelas. George não consegue acreditar. Disse que vai abrir uma franquía de Frozen Iogurt. Vê se pode! Enfim, é isso. Aguardo notícias. Ando morta de saudades. George manda lembranças intergalácticas.

Com amor,

Marcia Lucas.